

UMA INTERPRETAÇÃO DO LIVRO JÓ¹

An interpretation of the book of Job

Autor: Charles Ernest Burland Cranfield*

Tradutor: Francisco Dário de Andrade Bandeira**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730720508302134>

Em memória de Mark F. Willson²

Enquanto a cena e os personagens são patriarcais e o estilo de estrutura da prosa é o da história popular, o pensamento do poema reflete as questões de uma época muito posterior³. Uma certa estranheza na forma como o poema se insere na narrativa dá a impressão de que parte do material do poeta foi instrumento de ideias bem diferentes daquelas que agora costuma expressar. A inferência natural é que o poeta estava usando uma história cujo contorno já estava fixado. Isso é confirmado por Ezequiel 14:12-23, onde se prova que a tradição de um homem de uma justiça exemplar chamado Jó já era bem conhecida. Parece razoável concluir que essa tradição tenha sido a fonte de nosso autor. Tanto em Ezequiel quanto na prosa de nosso livro, Jó é notavelmente um homem justo. Existe possivelmente um outro ponto de contato adicional. Ezequiel está dizendo que no dia da vingança de Deus, a retidão do homem justo não servirá para salvar ninguém além de si mesmo; a maneira como ele se refere aos três homens justos típicos ganha destaque se eles tivessem realmente salvado os outros por sua retidão.

* Informações biográficas sobre o professor Charles Ernest Burland Cranfield podem ser encontradas na edição da Revista Colloquium V.4, N.2 / agosto de 2020, páginas 144-150, nota nº 2.

** Formado em Teologia, graduado, mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: darioband@gmail.com

Sabemos que isso estava relacionado com Noé de Gênesis 6. Como em nosso livro, os três amigos são salvos por causa de Jó em resposta a suas orações, parece plausível concluir que eles e seu salvamento pertencem à tradição conhecida por Ezequiel. Podemos supor, então, com alguma confiança, que havia, antes de nosso livro de Jó ser escrito, uma história popular sobre um homem chamado Jó, cuja bondade excepcional foi recompensada por uma prosperidade excepcional. Um dia Yahweh mencionou com aprovação a bondade de Jó a Satanás; este respondeu que Jó não agia desinteressado e que isso logo desapareceria se sua prosperidade fosse tirada. Yahweh aceitou o desafio e permitiu que Satanás o testasse. E Satanás o fez; mas durante tudo isso Jó foi resignado e paciente. Em sua adversidade, seus amigos foram visitá-lo; mas, sendo ignorantes da aposta celestial, presumiram que seu sofrimento deveria ser punição por um grande pecado. Por fim, Yahweh vindicou Jó e repreendeu seus amigos, embora os perdoasse por amor a Jó. Jó tem sua prosperidade restaurada de forma duplicada, ficando ainda maior do que aquela de que outrora desfrutara. Subjacente à sua história e por ela assumida estava a doutrina da retribuição⁴, segundo a qual o sofrimento era sempre o castigo do pecado, e a boa fortuna a recompensa da virtude. Para essa lei, a adversidade de Jó foi uma exceção notável devido a um evento celestial extraordinário; mas a exceção é apenas temporária, a lei está sendo vindicada pela recompensa final de Jó. Os amigos de Jó são repreendidos - aparentemente um tanto injustamente, visto que não podiam saber da aposta - por terem considerado este bom homem um pecador; mas eles não são culpados por sua doutrina. Nesse esboço, nosso poeta introduziu o elemento estranho da conversão de Jó, e isso se torna a coisa decisiva. Do ponto de vista da saga original, Jó não precisava de conversão; (mas) para nosso autor ele deve se arrepender em pó e cinzas. Na saga, a intervenção de Yahweh é simplesmente para justificar o herói; (mas) em nosso livro, antes que Ele o vindique, Ele o repreende e o faz arrepender-se. Aqui, onde nosso livro diverge da tradição, deve-se buscar a pista de seu significado⁵.

O prólogo segue fielmente a tradição; o justo Jó é submisso mesmo depois do segundo ataque de Satanás. Os amigos são apresentados. Tomados de tristeza por ele, eles ficaram em silêncio com ele por sete dias. Por fim, Jó fala e o poema começa. Em uma explosão apaixonada, ele dirige o inevitável "Por quê"? para Deus. Segue-se uma série de discursos⁶ que consistem em "consolações" oferecidas pelos três⁷ amigos, cada um por seu turno, sendo cada um deles respondidos por Jó (capítulos 4-31). Por trás de tudo está

a doutrina corrente da retribuição, aceita por Jó e seus amigos. É a doutrina que critica o sofrimento de Jó; pois, à sua luz os problemas dele se tornam a mão acusadora de Deus.

Não devemos permitir que a brutalidade hipócrita dos amigos nos cegue para o fato de que Jó é orgulhoso. Bildad (de Shûah) toca a raiz da questão em 18:4; Jó é extremamente egocêntrico. Ele tem que aprender que não é o centro do mundo; as leis servem a um propósito diferente da conveniência de Jó. Por um outro lado, perderemos todo o ponto se pensarmos que Jó é mais egocêntrico do que os outros homens. Fomos alertados contra esse erro no prólogo; Jó é bom, como o próprio Yahweh reconhece. Ele não é mais egocêntrico do que os amigos em sua mesquinhez; a diferença é que ele está sob o microscópio. Um homem realmente bom é retratado de forma que ninguém possa escapar do julgamento da resposta de Yahweh. A simpatia demonstrada pelo poeta por todos os seus próprios personagens nos adverte contra qualquer simplificação superficial. Não nos precipitemos em nos sentirmos superiores nem à mesquinhez dos amigos nem à arrogância de Jó.

Aqui está um homem realmente bom sofrendo a calamidade mais horrível, apesar de todas as suas boas obras e vida religiosa. Não é surpreendente que, sob tal estresse, uma religião convencional desmorone. Sua religião era egocêntrica. Enquanto seus "passos eram lavados com lisonja", ele aceitara com alegria o dogma de que a sorte dos homens é recompensada por seus atos. Ele tinha uma ideia natural de que Deus existe para o bem do homem - de Jó; Deus era seu protetor, sua conveniência. De repente, mergulhado no desastre, sem ter consciência de o merecer, sentiu-se traído. Esta foi a recompensa de sua piedade. Assim, o Deus que tinha sido a garantia de sua segurança torna-se para seu cérebro febril um Algoz cruel e enganador. Para seu horror, ele percebe sua fraqueza, seu Perseguidor é mais forte do que ele. Ele é o alvo indefeso de Suas flechas (6:4, 7:20, 16:12s). Cada pulsação de sua dor e cada espectro de seu delírio ele sente ser obra de Deus, uma flecha de Sua aljava mortal ou um olhar cruel de Seus olhos aterradores. Em 7:17s ocorre uma paródia ressentida do Salmo 8, que abala em sua amargura. A constante vigilância de Deus, outrora seu conforto, agora é seu tormento e o enlouquece. Mas, muito pior para Jó do que a dor real é a implicação de desonra que ela traz; à luz da doutrina da retribuição, que ele aceita, infortúnio implica má conduta; é o dedo acusador de Deus levantado contra ele. Deus não apenas o fere da maneira mais selvagem e injusta, mas está lançando uma calúnia contra o bom nome de Jó. Os homens acreditarão que ele está sendo punido por fazer coisas erradas; claro, eles acreditarão em

Deus em vez de em Jó. É essa ofensa à sua justiça que mais o atormenta. É porque seus amigos assumem que, uma vez que ele está sofrendo, ele deve ter pecado, por isso (Jó) está tão zangado com eles. Ele queria que confessassem que ele era inocente e que sua desgraça era imerecida; isso teria consolado seu orgulho ferido.

É a afirmação de Jó sobre sua retidão (justiça) que agora se torna o tema do poema. Ele pode ter cometido algumas contravenções na juventude (13:26), mas não admitirá que foram graves - nada para merecer a ira de Deus. Em 7:20s ele desafia a Deus: "Se eu pequei", ele diz - pois ele não admite que ele realmente é um pecador ou precisa da misericórdia de Deus para o perdão. Ele é tão fraco que não poderia ferir a Deus, então Deus não deveria se preocupar com seu pecado. "O que eu faço para ti?" - em outras palavras, ele dá o perdão como certo. Ele não vê a gravidade do pecado, porque não leva o Deus santo a sério. O pecado tem a ver com Deus; portanto, não ousamos dizer: "Por que você não perdoa ...?" Quando Bildad responde que Deus é sempre justo, Jó concorda; isso ele sabe muito bem. Pois é Deus o juiz da justiça, e ele tornará o inocente injusto, se isso Lhe agradar. É inútil contestar com Deus. Quem pode trazê-lo para prestar contas? (9:2-12). Ele é irresponsável; embora inocente, não adianta implorar a Ele; vendo seu poder, é melhor lançar-se à misericórdia do Tirano. Por que, mesmo se Deus se oferecesse para ouvir este caso, como Jó poderia confiar nEle depois de toda a sua crueldade? Sua força arrancaria uma falsa confissão do inocente (9:20). "Eu sou perfeito..." mas "Isso é tudo; portanto eu digo que Ele destrói o perfeito e o ímpio [igualmente]" (9: 21s). A passagem 9:30s não é uma declaração de que, por melhor que um homem seja, quando comparado a Deus ele é visto como sujo, mas uma declaração que Deus é flagrantemente injusto e irresponsável, zombando de todos os esforços honestos e mergulhando na lama aquele que se manteve imaculado. Jó, tendo uma vez perdido a confiança na integridade de seu Criador, ressentir-se amargamente de Seu poder indubitável. O pensamento de que não há autoridade superior a quem apelar é como uma armadilha para Jó (9: 32s). Deus deve aparecer como autor e ele como réu, ambos em igualdade de condições. Assim, ele presunçosamente acopla-se ao seu Criador com "nós" e "nós". Por que Deus contende com ele? Ele tem algum motivo oculto - isso Lhe beneficia? Deus não é incapaz de ver claramente; no entanto, embora deva conhecer a inocência de Jó, Ele o tortura para obter uma confissão, na crueldade da onipotência (10:4-7). Jó se transforma em súplica. Quanta dor Deus sofreu em todo o incrível processo de formação dele! O pensamento não O suavizaria? Um pensamento mais sombrio cruza a mente de Jó. Não, seu cuidado o tempo

todo foi deslealdade; esses eram os propósitos ocultos até então em Seu coração (10: 9-13).

Em um novo ataque, Jó repreende as trivialidades de seus amigos. Eles eram meros bajuladores da onipotência, os homens sempre obedientes do Tirano; ele vai falar com Deus, não com eles. Ele declarará o que pensa, aconteça o que acontecer (13:13). Ele afirma orgulhosamente sua justiça (13:18) e zomba de Deus - "Quem é ele ...?" (13:19). Ele exige que a disputa seja feita de acordo com suas condições e, de maneira protetora, promete que, se Deus concordar com esses termos, ele (Jó) condescenderá em responder (13: 20-22). Jó começa com um apelo pedindo para ser informado de seus pecados! Por que Deus é tão contra ele? Seus pensamentos retornam à pena da mortalidade, o que sugere uma breve rendição ao pensamento positivo - o refúgio natural do homem egocêntrico quando é contrariado. Por um momento, ele deseja que Deus o esconda no Sheol até que Sua ira passe; lá ele esperaria pacientemente e, por fim, Deus mudaria seu humor e o traria com bondade (14: 13-15). Mas rapidamente ele retorna à realidade. Em seu discurso seguinte, ele fala sobre a crueldade desse Deus, a quem ele compara a uma fera. Ao enfrentar a proximidade da morte, ele não abandonará sua justiça. Ele afirma isso novamente (16: 16-18) e deseja garantir que Deus nunca seja capaz de enterrar os vestígios de Sua ação infame. A reputação do trabalho deve ser salva a todo custo. Então, com um golpe magistral, o poeta o faz mudar de tom (16: 19-21). Mal compreendido e censurado por seus amigos, ele é levado a apelar para o Deus a quem acaba de acusar de injustiça e crueldade. Não há ninguém mais forte a quem ele possa apelar contra Deus ou seus amigos. Apesar de sua crueldade, Deus tudo vê e, portanto, conhece a verdade, embora no momento Ele não vá admitir isso. Portanto, Seu conhecimento é testemunha contra suas ações. Deus deve saber que Ele está sendo injusto, até mesmo Sua própria consciência divina dá testemunho contra Ele.

No capítulo 19, Jó põe de lado as repreensões de Bildad; ele está interessado apenas em uma coisa - Deus fez injustiça com ele (19: 6s). Deus tirou sua justiça, sua "glória" (19: 9). Se ele devesse ser desprezado por seus contemporâneos, certamente a posteridade seria mais justa, e vindicaria seu nome, se ao menos pudesse ler sobre seu sofrimento e inocência (19: 23s). A única coisa com que ele se preocupa agora é seu bom nome; sua dor real está em segundo plano. Seus sete filhos e três filhas são menos para ele do que seu orgulho. Mas o pensamento de posteridade não lhe dá paz de espírito; então

mais uma vez ele se volta para (contra) Deus. A passagem que se segue foi interpretada como uma gloriosa fé em Deus, mas dificilmente pode ser isso; ainda estamos muito longe do ponto de inflexão. É semelhante a 16: 29-21 - pensamento muito egocêntrico e muito humano (19: 25-29). Por ser egocêntrico, ele não consegue enfrentar o pensamento de que realmente deve abandonar sua justiça para sempre. Deus deve no final vindicá-lo. Todos nós desejamos acreditar que o mundo é significativo; Portanto, Jó não pode enfrentar a ideia de que tudo isso não tem sentido; mas seu orgulho não admite que possa haver alguma bondade em um mundo em que seu bom nome não é justificado. A única coisa absolutamente real para ele é seu orgulho; então ele se baseia em suas demandas. Não há pensamento de ressurreição⁸, mas simplesmente a crença contemporânea em uma existência sombria após a morte. Jó espera que seu fantasma incorpóreo veja sua reputação justificada por Deus na terra.

Em 23:3 nós especulamos se talvez Jó esteja finalmente amolecendo, mas não, a razão pela qual ele está tão ansioso para encontrar Deus é apenas para que ele possa derramar seus argumentos sobre sua justiça em Seus ouvidos (23.4), para satisfazer seu próprio orgulho, não para conhecer a Deus. Nessa passagem, alternam-se o temor de que Deus seja obstinado e a esperança de que Ele o atenda (23,10,13). Nunca passou pela sua cabeça que ele poderia estar errado, ou que em um caminho justo ele poderia ser condenado. Absolutamente certo de sua própria justiça, da justiça de Deus ele duvida livremente. Em 27 ele ainda é tão persistente, e com golpes de martelo afirma sua justiça contra a injustiça de Deus - "meu direito ... minha integridade ... minha justiça" (27: 2-6). Seu último discurso antes do aparecimento de Yahweh ocorreu entre os capítulos 29-31. Este longo discurso resume tudo o que ele disse. Na primeira parte - as reminiscências de sua antiga prosperidade - o orgulho não está escondido. Já (29:14) é muito significativo. A segunda parte lida com seu sofrimento atual e deixa claro que não são as calamidades reais, mas é a calamidade que elas lançam sobre sua honra que mais o ofende. A última parte do discurso é um juramento de inocência. Ele desistiu de toda esperança de restauração, mas ainda se apegou ao "seu direito". Em (31:6) ele encarrega Deus de não mexer na balança; Jó não será julgado, exceto para ser absolvido; se a justiça do céu não o aclama como justo, então tanto pior para a justiça do céu! A possibilidade de ele estar errado é descartada desde o início. Mas sejamos justos com ele. Isso não é a insolência de um homem extraordinariamente presunçoso e mesquinho, mas o espelho para o verdadeiro egocentrismo do homem bom e nobre. A passagem de (31: 1-34), é a

declaração de um caráter raro; observe especialmente os vv. 15,29 - um padrão muito alto. Só compreenderemos o significado do autor se prestarmos atenção à sua ênfase na verdadeira bondade de Jó. O clímax do discurso é o desafio final (31: 35-37). Isso resume toda a rebeldia do homem, sua irritação de que Deus e não ele mesmo seja seu juiz. É a atitude do fariseu da parábola posta na poesia. Assim, a justiça do homem se aproximaria de Deus - "como um príncipe"! Estamos tão orgulhosos de nossa cegueira que de bom grado transformaríamos a acusação de Deus em um ornamento de distinção, nos gabando até mesmo na Lei!

Yahweh não se submete às condições de Jó (9: 34s; 13: 20-22), mas responde a Jó, como Ele mesmo escolhe, em majestade, fora do redemoinho. Deus lida conosco em seus termos, não nos nossos. Há uma suave ironia em todo o discurso, como na pergunta de 38:2 e como em 38:21. Essa voz alta de pessoa pequena, egocêntrica e ignorante – o homem - é repreendida. Vemos o mundo do ponto de vista de nossa importância, julgamos tudo pelo padrão de sua utilidade para nós. Mas a vida multifacetada da natureza deve nos advertir de nossa loucura. O discurso apela para muitas coisas que não são úteis aos homens e, no entanto, Deus está interessado nelas. Por que, se o mundo existe para o homem, a natureza esbanjou tanto cuidado com as coisas que ele não vê (38:25-27)? Se o propósito do Criador era nosso conforto, Ele não foi particularmente bem-sucedido; nosso orgulho gostaria muito de “apreender este lamentável Esquema de Coisas Inteiras ... despedaçá-lo - e então remodelá-lo para mais perto do desejo do Coração”. Mas a Bíblia proclama que o mundo e o homem nele existem não para eles mesmos, mas para a glória de Deus. A história e a natureza são o teatro de Sua glória.

Com uma arte esplêndida, o poeta procurou nos tornar conscientes da sabedoria insondável de Deus. A lição do discurso de Yahweh tem efeito sobre Jó - embora seja mais a visão de Yahweh do que Suas palavras que o afetam. Ele tinha ouvido falar dele no passado, agora ele o vê e, como Isaías, ele está quebrantado e humilhado (Isaías 6); diante do Deus vivo, ele se reconhece um pecador, seus argumentos sobre sua justiça acabam, sua boca se fecha, ele se arrepende no pó e nas cinzas (40: 3-5; 42: 2s, 5s). **Esta é a conversão de Jó.** Conhecer realmente o Deus verdadeiro é ser humilhado e esmagado; o grito da verdadeira fé é "Tem misericórdia de mim, pecador!"

Após seu arrependimento, a restauração final é cheia de significado, não um anticlímax. Na saga, Jó foi justificado por causa de sua própria justiça; em nosso livro, é o penitente Jó que é restaurado, não por causa de seu próprio mérito, mas por livre graça.

A graça de Deus é vindicada como graça. Em 42:7, Yahweh diz que Jó falou Dele o que é certo; Isso não significa que a sinceridade de Jó, apesar de sua expressão frequentemente blasfema, seja preferida às lisonjas hipócritas dos amigos, mas se refere simplesmente à confissão de Jó em (40: 3-5; 42: 2s, 5s). Mas não apenas Jó é restaurado; os amigos estão condenados; eles falaram mal de Deus, sua doutrina de retribuição o desonrou. Ela era falsa porque tirou o lugar da graça e reduziu a religião ao legalismo. Fez com que a iniciativa dependesse do homem; o homem deve ser bom e então Deus será gracioso; enquanto que graça significa que a iniciativa é de Deus. Assim, a piedade humana foi privada de sua sinceridade, porque recebeu um motivo oculto; os homens deviam amar a Deus para obter prosperidade, em vez de, por gratidão, promover Seu amor imerecido. Além disso, a doutrina conduzia inevitavelmente à autojustificação. Mas os amigos são perdoados - em resposta à oração de Jó. O homem a quem Deus perdoou deve perdoar seus inimigos - e seus amigos! - e orar por eles.

A verdadeira natureza do pecado (a tentativa do homem de se fazer o centro em vez de Deus) e a verdadeira pecaminosidade da bondade do homem em seu egocentrismo essencial são reveladas. A religião do homem também é egocêntrica; pois ele pensa que Deus existe para sua conveniência – isto, é, ele adora um ídolo que ele mesmo fez. Deste egocentrismo, apenas a autorevelação de Deus verdadeiro (capítulos 38ss) pode salvá-lo. O desastre é a mão de Deus quebrando sua falsa segurança em misericórdia. Diante do Deus vivo ele se conhece pecador e se arrepende. Somente diante de um ídolo o homem pode se sentir bem. A doutrina contemporânea da retribuição é condenada, porque não leva Deus nem o pecado a sério, e é uma negação da graça. Porque o livro dá testemunho do Deus vivo em sua majestade e graça, é uma resposta real para o problema do sofrimento. Jó encontra paz antes e totalmente à parte de sua restauração material - na presença de Deus.

Em tudo isso, o Livro de Jó é, certamente, à sua maneira especial, uma testemunha eloquente de Jesus Cristo⁹.

ANEXO

GUIA DE LEITURA DO LIVRO DE JÓ

Baseado em: David J. A. Clines – The New Oxford Annotated Bible, Fifth Edition 2018. II. Erich Zenger (ed.) - Introduzione All'Antico Testamento, Queriniana 2013.

A respeito do prólogo do livro, Clines (2018, p.735) indica que ele é composto em prosa com cinco cenas artisticamente arranjadas: A primeira, terceira e quinta cena (1:1-5, 13-22; 2:7-13) tomam como lugar a terra. A segunda e a quarta cena (1:6-12; 2:1-6), tem como lugar o céu. Todos os personagens, incluindo Jó, permanecem ignorantes através do livro sobre o que acontece no plano celeste. A seção 3:1–42:6 constitui uma série de diálogos ou ciclos de discursos. Já 42:7-17 é o epílogo da obra. Clines (idem, p.737-779), apresenta o seguinte esquema de divisão que se constitui em 3 ou 4 ciclos de discursos:

3:1-11:20 - O primeiro ciclo de discursos

a. 3:1-26 - Primeiro discurso de Jó

b. 4:1-5:27 – Primeiro discurso de Elifaz

c. 6:1-7:21 – Segundo discurso de Jó

d. 8:1-22 – Primeiro discurso de Bildade

e. 9:1-10:22 – Terceiro discurso de Jó

f. 11:1-20 – Primeiro discurso de Zófar

12:1-20:29 - O segundo ciclo de discursos

a. 12:1-14:22 – Quarto discurso de Jó

b. 15: 1-35 - Segundo discurso de Elifaz

c. 16:1-17:16 – Quinto discurso de Jó

d. 18:1-21 – Segundo discurso de Bildade

e. 19:1-29 – Sexto discurso de Jó

f. 20:1-29 – O segundo discurso de Zófar

21:1-27:23 - O terceiro ciclo de discursos

- a. 21:1-34 - Sétimo discurso de Jó
- b. 22:1-30 – Terceiro discurso de Elifaz
- c. 23:1-24:25 – Oitavo discurso de Jó
- d. 25:1-26:14 – Terceiro discurso de Bildade
- e. 27:1-6, 11-12 – Nono discurso de Jó
- f. 27:7-10,13-17; 24:18-24; 27:18-23 – Terceiro discurso de Zófar

28:1 - 42:6 – O Quarto ciclo de discursos

- a. 28:1-28 - Um poema sobre sabedoria ou conclusão dos discursos por Elihu
- b. 29:1-31:40 – Décimo discurso de Jó - Monólogo
- c. 32:1- 33:33 – Primeiro discurso de Elihu
- d. 34:1-37 – Segundo discurso de Elihu
- e. 35:1-16 – Terceiro discurso de Elihu
- f. 36:1-37:24 – Quarto discurso de Elihu

g. 38:1-42:6 – Discurso do SENHOR e a resposta de Jó

i. 38:1-40:2 – Primeiro discurso do SENHOR

ii. 40:3-5 – Primeira resposta de Jó

iii. 40:6-41:34 - Segundo discurso do SENHOR

iv. 42:1-6 – Segunda resposta de Jó

Epílogo 42:7-17

- a. 42:7-9 - O juízo do SENHOR sobre os três amigos de Jó
- b. 42:10-17 - A reabilitação de Jó

NOTAS:

1 - Primeiramente publicado em The Expository Times 54 (1942-43), pp. 295-298. A presente tradução se baseia na obra The Bible and Christian Life, T & T Clark Edition. Edinburgh,1985. A permissão para a publicação da presente tradução para o português foi gentilmente concedida pelos editores nos seguintes termos: © C. E. B. Cranfield, 1985, The Bible and Christian Life; XIII An interpretation of the Book of Job. AT & T Clark Edition, 1985, an imprint of Bloomsbury Publishing Plc. Coube à sra. Claire Weatherhead a responsabilidade de intermediar a solicitação junto à Bloomsbury Publishing, ajuda pela qual sou muito grato. Também expresse agradecimentos aos revisores da tradução: ao professor Fernando

Henrique P. da Silva e ao médico, doutor Fares Camurça Furtado, suas observações, correções e sugestões contribuíram para maior exatidão da presente tradução.

2 - A primeira vez que mantive contato com o professor Marcos Willson foi através de uma conferência que ele ministrou na cidade de Fortaleza, Ceará. Anos depois, pude cursar no Seminário Batista do Cariri (SBC) algumas disciplinas e, dentre elas, algumas foram ministradas pelo prof. Marcos Willson. Posteriormente, já no contexto da Faculdade Batista do Cariri (FBC), por ocasião de uma pesquisa pessoal realizada em obras sobre o Antigo Testamento, pude contar com suas riquíssimas observações, correções e orientações do admirado mestre. Durante a produção da presente tradução, mantive a expectativa de como seria rico e prazeroso apresentá-la ao estimado professor do SBC/FBC. Ao final, fiquei com a impressão de que ele acolheria o trabalho e, é claro, apresentaria ricas contribuições. O gozo maior, no entanto, é crer que ele foi unido “aos espíritos dos justos aperfeiçoados”. (Heb.12:23).

3 - Conforme ressalta S. Terrien em seu comentário sobre Jó por edições Paulus (1994, p.9), o prólogo e o epílogo lembram o gênero literário das tradições patriarcais. Quanto ao poema, este pertence ao gênero sapiencial. Mas aqui destacam-se dois traços principais: o poema trata de um só tema e emprega a forma dialogada. Quanto à influência do fundo oriental, Terrien (idem, p.11-16) anuncia quatro possibilidades a serem consideradas: A. Sabedoria Edomita, B. Folclore Internacional, C. Pessimismo egípcio, D. Ceticismo mesopotâmico.

4 - Essa doutrina é explorada amplamente, por L.A.Schökel e J.L.Sicre Diaz em seu livro *Giobbe – traduzione e commento*, Borla 1985.

5 - Cf. Sir Edwyn Hoskyns, *Cambridge Sermons*, 1938, pp.66-69.

6 - Baseado em Clines (2018) e Zenger, (ed.) (2013), foi anexado à presente tradução um guia de leitura do livro de Jó.

7 - Evidentemente o Dr. Cranfield sabia da participação de um quarto personagem entre os “amigos” de Jó: Elihu, filho de Barakel. Este entra em cena somente após o décimo discurso de Jó em 29:1-31:40. Para consulta dos discursos/diálogos entre Elihu envolvendo os outros personagens, ver o guia elaborado com base em Clines (2018) e Zenger (2013) que aparece logo após o texto dessa tradução.

8 - No que se refere às doutrinas, para Terrien (1994, p.11): “A literatura sapiencial do Antigo Testamento e o livro de Jó em particular... não contêm nenhum dos temas especificamente hebraicos: a eleição, a aliança, a terra prometida, a missão de Israel, o templo, a lei, o Messias, escatologia, o julgamento das nações”.

9 - Segundo Terrien (1994,p.7-8;43-59), o livro de Jó oferece a resposta da fé pura à graça pura... ele apresenta um Deus que parece livre das formulações humanas. O livro é uma das antecipações da teologia neotestamentária, porque prefigura a realidade da salvação pela fé.